

PEDRO VIEIRA



# VÊNUS EM CHAMAS

E DEUS INSTRUMENTALIZOU A MULHER



*Some of the best history is not true*

MARY BEARD

## ÍNDICE

---

MARIA .....	9
MADALENA .....	53
TEODORA .....	87
JOANA .....	113
FILLIDE .....	139
HARRIET .....	163
LÚCIA .....	189
<i>Um Epilogo</i> .....	217





MARIA

## MIRIAM

Eis uma casa ocupada, numa terra ocupada. Uma canasta de tâmaras tombada no chão, um intruso, uma mulher, um noivo ausente em parte incerta. Na história de mulheres que aqui se conta, José é uma sombra que nem se faz sentir, por vontade própria ou por um desígnio que o ultrapassa, pois a futura companheira foi-lhe indicada através de uma artimanha, de um truque barato; imagine-se: fizeram brotar flores do seu bastão de madeira numa ida ao templo, e de lá saiu noivo, sem direito a liberdade condicional. Assim se expressou a vontade do Altíssimo, um Deus trajado de novo, que ainda terá de aprender a acolher no seu espírito. Para já, esse Deus quer ocupar o corpo da mulher, a quem também não foi oferecida escolha — só mais uma a quem nunca se deu soberania, embora se diga que os fins justificam os meios. Miriam acabava de entrar em casa — modesta como todas as daquele lugar, erguida sobre alicerces de pedra e forrada a tijolos de lama. À luz do fogo, luz e purificação, calor e danação desde que Prometeu desafiou outro Altíssimo; rememorava o dia repartido entre a fiação e o pastoreio de uma dúzia de cabras e ovelhas da vizinhança — não as leves para longe, poderás não ter mão nelas; não te ponhas ao largo, poderás não ter rédeas

sobre a tua própria vida, o teu ventre, as tuas vontades; herdarás uma tradição de séculos para lançar uma outra da mesma feição, acolher obedecer dar graças ser instrumento, vazadouro, utilidade, ferramenta ao serviço de decisões que não passam por ti; não deixes que as cabras engulam pedras, não pares para engolir em seco, apesar da nova que te trazem sem que te tenhas preparado. Bebe um copo da água desmaiada, retirada do poço há muitas horas. Senta-te, Miriam. Agora, escuta. Terás tempo para apanhar as tâmaras do chão. Recompõe-te do susto de carne e osso. Apesar da Graça a que terás de dobrar a dúvida, não deste fé de luzes celestiais, brilhos, de um clarão que assinalasse a importância daquilo que vais viver, daquilo que vais fazer viver. Com o tempo, darão um nome a este momento, é um vício desta gente, nomear, batizar, puxar o lustro àquilo que se quer comandar: Anunciação. Isso virá depois, mas o Tempo pouco importa. Confunde-se. Anda para trás e para diante, as histórias mudam, as memórias apagam-se, reconstroem-se. Assim se fará com a tua existência, salvo a Submissão do teu género, que se prevê imorredoura. Serão escritos tratados, teses, homens bater-se-ão por via da escrita, da interpretação, mas também da força e do punhal, gumes afiados carregam as melhores teologias. Para já, um estranho com ar de quem comeu o pó de longas horas a pé pelos caminhos destratados da Galileia — «não percas as ovelhas, são o nosso sustento» —, um anónimo de roupas puídas e voz

cansada diz-te: «Salve, favorecida, o Senhor está contigo»; embora não consigas entender que favor será esse, como se pode encontrar obséquio naquilo que te põe suores frios a escorrer pela túnica abaixo, que te põe o coração de mulher ainda em construção em sobressalto sem nome. Anunciação não te serve, nem o saberias soletrar. Encara antes este pavor imediato e esta sensação de impotência e de incompreensão que terás de aprender a dominar, ou pelo menos aceitar. Como antes de ti, muitas o fizeram; como depois de ti, e este é um depois-armadilha, até porque irás tornar-te eterna sem que te perguntem se o queres, se o *desejas*, verbo proibido, não era este o do Princípio, mas voltemos ao trilho, guarda os grãos com cuidado, o gado não se pode tresmalhar, são o nosso sustento: como depois de ti, muitas o farão. O homem que te escreve a vida, um dos homens que te escreve a vida (diz-se que era um médico sírio amigo de Paulo, o convertido ao retardador que te chama «mulher», assim, sem direito a nome), esse homem que te fixa a biografia rarefeita revela aos leitores do futuro que a interpelação do forasteiro é perturbadora para ti. E que questionas que sorte de saudação será aquela; trata-se de um gesto verbal que não conheces, de um desrespeito pela casa do teu prometido estranhamente ausente (de teu não possuis nada), uma casa com poucos haveres, chão de terra batida, esteiras para fazer descansar o corpo no final de cada jornada, as malditas tâmaras espalhadas pelo chão, o lume



a perder força por falta de alimento, quem é esse Senhor em nome de quem falas, incapaz de trazer conforto, só espanto, só aflição contida, e antes que o cansaço o domine de vez, antes que a sua presença se dê a conhecer aos vizinhos, repara, Gabriel, Nazaré é uma terra de parca extensão, todos se conhecem, todos se julgam, todos temem olhares furtivos e línguas empeçonhadas, diz o que tens a dizer e andor, entendamos que esta mulher em construção, a quem doze ou treze anos de vida, não mais do que isso, deram pouca têmpera, este projeto de esposa-mãe-viúva está à mercê de velhacarias e autoridades de toda a sorte; portanto, desembucha, condena, marca para a vida, mas sobretudo despacha-te, antes que a fadiga te tolde e a reputação desta garota se esgace. Diz: «Não temas, Maria, pois achaste graça junto de Deus.» Que foi feito do teu nome? Que foi feito de Miriam? Descansa, é o mesmo, o que conta é o fardo que vais carregar, e isso percebes, não careces de letras nem de gramática nem de alfabetos, e deixas de respirar por uns segundos. Não sabes ler, muito menos escrever, o contar foi-te apresentado para que possas somar o número de lentilhas necessárias para forrar o estômago de um homem, para medires um alqueire de grão a olho, embora os costumes e as medidas dos árabes ainda venham longe, por eles hás de ser mencionada no seu livro sagrado; aliás, aprendeste o suficiente para não deixares tresmalhar os animais a teu cargo, sabes contar os fios que se entrelaçam e o tempo entre luas,

mas a tua instrução vem daquilo que a fé da tua gente determina, da fé dos Hebreus, contada pelas mães há séculos, o amanhecer e o deitar ao som de *Ouve, Israel*, e todas as palavras que a rodeiam, as comidas impuras, o calendário das festas, os pecados contra os quais debes escudar-te. E, contudo, não és tonta. Sabes que o dizer deste intruso não vai ficar por aqui. Que a terra nas suas sandálias, que a indolência na sua voz, são sinónimo da importância do que traz na língua e do longo caminho que percorreu até ao teu pátio. Que o brilho nos olhos, em que agora reparas, traz lume, uma outra sorte de lume, distinta daquela que agrilhoou o titã a uma rocha e a uma condenação figadal. Já lá vamos. Por ora, o tempo arde. Urge. O forasteiro tomou-se de fôlego.

«E eis que conceberás no ventre e parturirás um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus.»

Agora é Miriam quem gostaria de ser vista nestes preparos, que alguém da vizinhança espreitasse pelas janelas recortadas na lama das paredes, porque a incredulidade é menor se for partilhada, se houver testemunhas deste dislate, desta quase-afronta, não se entra assim nos aposentos de uma mulher-por-fazer na ausência do seu prometido, não se dizem frases que são açoites, como pode conceber o que quer que seja se...

«Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor dar-lhe-á o trono de David, seu pai.»

A Miriam só lhe ocorre blasfémia, se é que conhece a palavra, quer pôr as mãos sobre os

ouvidos, mas o forasteiro afasta-lhas, parece que o cansaço da viagem o vai abandonando no calor da casa e da mensagem, tens de ouvir, Miriam, tens de pelo menos saber, uma vez que não te resta mais nada, tentas libertar-te das suas mãos tornadas ferro, não queres saber de reinos, nem do nome de Jacob dito em vão, nem de séculos sem fim, esperneias, puxas forças da vala da impotência. Estás agora encostada a um canto da casa, descalça, abraçando os joelhos. Todo o teu corpo, de que irão dispor, treme. Libertaste-te das mãos do intruso por uns segundos. Dás-te conta de que ninguém assomará às janelas, que José está impedido de voltar por quem vos traçou o destino, quem sabe se concordando. Cedes. Perguntas num sussurro:

«Como se fará isso, uma vez que não conheço homem nenhum?»

O mensageiro aproxima-se de ti. Nos olhos, a chama. Agora, sim, parece irradiar algo que ainda não dominas.

«Um espírito santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te sombreará.»

Um espírito santo, artigo indefinido. Para Miriam tanto faz, manca que é de gramática. O intruso desfaz-se pacientemente das roupas. Não são precisas mais profecias.

## Nota de Intenções

Esta é uma história de mulheres. De figuras que se levantaram do chão para figurarem nas grandes crónicas da humanidade, mas não só. Vivem no imaginário de milhões, emanciparam-se dos mitos e das narrações de antanho, a espaços até foram capazes de tocar com o seu exemplo a alma de estranhos, a inspiração de artistas, a esperança de anónimos. Trazendo para estas páginas a especulação que assiste ao contar ficcionado — assim arrancou este relato —, mas também aduzindo factos, usos, registos comprovados, e páginas que bebem da imaginação de homens (sobretudo) e mulheres, e eventos que se alcandoraram a figurar nos relatos sancionados com o H grande da História. Disciplina que mostra uma vez e outra quem são os vencedores, quem é relegado para as sombras e quem é utilizado como artefacto, como instrumento. Aqui serão chamadas a testemunhar, mesmo que por via indireta, várias figuras que merecem ver sacudido o pó do tempo e os espartilhos que lhes moldaram a vida e que lhes permitiram mais e menos agência, consoante os casos, as épocas, as personalidades. Estas páginas são um tributo à sua possibilidade de emancipação. A primeira destas mulheres, e figura central desta narrativa, é Maria.

# Maria

Ao longo de séculos, e estendendo-se até aos dias de hoje, exerceu uma influência única. Aliás, foi levada a exercer essa influência. E no contexto das retratadas ao longo desta série de capítulos, será a mais importante, a que induz maior mistério e a que se encontrou mais condicionada. E mais usada: desmultiplicando-se, encarnando promessas de toda a sorte e feitio (de pureza, de salvação, de excecionalidade), abençoando, redimindo a brutalidade do pecado original que levou a que a figura da mulher (com «m» minúsculo) fosse progressivamente identificada pela Cristandade como fonte de toda a corrupção física e moral, repositório de todos os vícios. Ironia das ironias: Cristo Ressuscitado mostrou-se em primeiro lugar a uma mulher, Madalena, e não aos seus discípulos (é o evangelista João quem o conta), circunstância que viria baralhar as certezas de pregadores e inquisidores, embora às descendentes de Eva fossem sempre reservados os lugares mais rasos da existência — culpa do uso pouco cauteloso da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Daí em diante, viriam a mortalidade da espécie humana, as dores de parto, a necessidade de o Homem trabalhar para comer. E a violência sem freio, materializada na morte de um irmão pelo outro. Jesus ben Sirac, escriba, sábio, douto judeu ativo no século II a. C., resumiria a calamidade de forma simples: «O pecado teve o seu começo numa mulher e por causa dela vamos todos morrer.»

Paulo, dois séculos mais tarde, teve oportunidade de redimir esta mancha. Para isso, teria de resolver a contradição entre

um evangelho de inclusão e um quotidiano de marginalização. Nas suas palavras lançadas aos Gálatas, homens e mulheres eram um só: «não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus». Se o Espírito podia descer sobre uma mulher, o que a levaria a ser diferente de um homem? Aliás, várias ajudaram-no a espalhar a palavra, a erigir as suas igrejas, feitas de pedra e de almas. No entanto, apesar da revelação na estrada para Damasco — Caravaggio retratou-o como um homem indefeso perante a luz, prostrado no chão —, Paulo continuava a ser um homem criado no judaísmo fariseu e nas tradições arreigadas que esse caldo cultural oferecia às suas gentes; apesar de prometer uma mudança radical na ordem do Céu e da Terra, não conseguia conciliar a mensagem que queria fazer passar com aquilo que realmente pensava sobre a igualdade entre homens e mulheres. Essa era ainda mais inverosímil do que a ideia de que um homem fustigado e crucificado, abatido como um escravo, pudesse ser o Filho de Deus. Aos Coríntios, gentios da grande metrópole mediterrânica, garantiu que «o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem». E aos habitantes de Éfeso, na atual Turquia, prescreveu que «as mulheres sejam dóceis aos seus maridos como ao Senhor, porque o marido é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja». À cabeça compete pensar, decidir, escolher. Ao corpo, obedecer. À mulher, obedecer.

Maria, feita de carne, ossos e nervos, recebeu o benefício espantoso de conceber o divino no próprio ventre. Conheceu assim o privilégio, tornando-se alvo de cultos distintos sob o grande chapéu do Sagrado. No plano material, as coisas complicam-se. Ninguém sabe quando nasceu, quando morreu. Sabe-se que fez vida na província romana da Galileia,

no tempo do imperador Augusto, homem que se fez Deus dos Romanos depois da morte, e sem nunca sequer ter ouvido falar do primeiro filho desta mulher. É uma tentação comum dos homens porem-se em bicos dos pés para a eternidade, e não será o Anunciado a mudar essa tentação.

À época, Nazaré não era administrada diretamente pelo Império, dada a fraca importância daquela zona, embora isso viesse a mudar de forma radical. Tudo porque havia um plano para a vida de Maria, mulher-objeto, pois fora amputada de qualquer domínio sobre a sua própria existência, sobre o seu corpo, mas também no que diz respeito ao seu espírito e até ao seu legado e natureza, que se transformarão uma vez e outra. Maria histórica, feita de carne, ossos, nervos, não se pode separar da Maria espiritual — pelo entendimento que dela temos hoje e pelo ecossistema em que veio ao mundo, no qual estas dimensões eram inseparáveis. O intangível, o oculto, o místico, faziam parte da vida de todos os dias. Nestas páginas faz então de mulher-ilustração, de síntese de uma pedra angular da civilização dos homens.

Dos homens... A humanidade veio depois, a muito custo, a ferro e fogo, e ainda não se consolidou. Esta mulher seria adolescente, termo contemporâneo, quando foi prometida a José, homem sobre quem sabemos muito pouco. Filha de Ana e Joaquim, se acreditarmos no que nos diz o Protoevangelho de Tiago, um dos escritos cristãos que foram parar ao caixote do lixo da História (para usarmos outro termo contemporâneo), teria doze ou treze anos quando se mudou para a casa do futuro marido. Era prática comum na zona e na época, esta do noivado sem consumação, convivendo sob o mesmo teto raparigas acabadas de entrar na puberdade e homens mais velhos. O ficar comprometido tinha uma carga mais forte, dificultava o deslassar de

promessas. Esta mulher viria a ter um papel central na narrativa que partilhamos todos, e, no entanto, as referências conhecidas sobre o seu tempo de vida são mais que escassas. Verá depois o seu papel reconstruído de forma sucessiva, servindo vários propósitos teológicos e políticos, mas atentemos para já na forma como nos foi apresentada a mãe de Jesus (Salvador) Cristo (Ungido).

Nos escritos que entraram no cânone (e outro livro se escreveria sobre essa escolha e sobre as lutas intestinas entre os herdeiros do filho de Maria), esta mulher-instrumento é pouco referida. Marcos, Mateus e Lucas registam-lhe o nome, mas só Mateus e Lucas dão conta do milagre da concepção. Destes, Lucas é quem mais destaca o papel de Maria (Miriam, na versão hebraica). Mateus prefere oferecer protagonismo a José. Mas ambos a submetem aos desígnios do Altíssimo e à mercê da mensagem de Gabriel, figura que transita livremente entre as religiões do Livro. Vemo-lo chegar de forma furtiva a Nazaré para levar avante os planos já escritos, e que já tinham dado azo a profecias anteriores. No mundo judaico, no qual Maria nasce, Gabriel é agente de Deus em múltiplas ocasiões, tendo uma relação especial com o fogo, uma das matérias prediletas do divino. Na tradição islâmica, ei-lo no monte Hira, de asas recolhidas e sob o nome Jibril, sussurrando a Maomé as revelações de Deus, nas quais se incluem Maria, mãe do profeta Jesus. É citada mais de trinta vezes no seu livro sagrado, sendo-lhe também outorgada a capacidade de conceber sem mácula. Mulher-instrumento, uma vez e outra.

No universo dos seguidores do Ungido, e dos quatro evangelistas autorizados a construir a sua narrativa, só João põe Maria aos pés da cruz, na qual a vida do filho se esvai — forma de afastar os pecados do mundo. Com esse sacrifício, Jesus



passaria a ser um novo Adão e sua mãe uma nova Eva, limpando a nódoa original do Jardim do Éden, evitando serpentes, Lúciferes, tentações. Num missal criado para o arcebispo de Salzburgo, hoje ao cuidado da Bayerische Staatsbibliothek, o iluminador quinhentista Berthold Furtmeyr ilustra o novo Éden à luz dessa percepção: do lado direito da iluminura, Eva continua a oferecer maçãs envenenadas aos homens de má vontade, colhendo-as com o auxílio de uma víbora. Do lado esquerdo, Maria colhe hóstias da Árvore da Vida e entrega-as aos homens, que veio salvar com a ajuda de um filho que podemos apelidar de renitente. Já lá vamos. Aos pés desta Árvore da Vida encontramos Adão, prostrado e adormecido (?), abraçando o tronco, ao passo que na copa figura Jesus crucificado. E salvador. Esta cristalização do papel redentor de Maria — entre outros desígnios que lhe seriam atribuídos — chegaria muito depois, atribuindo-lhe façanhas e deveres de responsabilidade num movimento retrógrado. Bem como dogmas, certificados de pureza, infalibilidades e a capacidade de se entregar à dor sem fim e sem lamentos, mesmo que de coração trespassado por punhais ou tornado rubro pela chama do amor maternal. Este tipo de iconografia, misto de tortura e serenidade impossível a quem não pertença à esfera dos eleitos, é abundante. E, no entanto, as primeiras referências que conhecemos à sua figura são parcas: as epístolas de Paulo, o grande propagandista da nova fé nascida no seio do judaísmo, supremo jihadista (i.e., tomado de fervor, febril) de uma crença que viria mudar a experiência humana, nem sequer a mencionam de forma clara. Maria é uma mulher e, portanto, é tratada como tal. É uma ferramenta para aperfeiçoar outra ideia mais importante. É um objeto.

## José, uma ficção

É Mateus quem o conta. Mateus, cobrador de impostos feito discípulo. Ou outro narrador qualquer. Na pintura *Vocação de Mateus* de Michelangelo Merisi (dito Caravaggio), o filho adotivo de José (parentesco agridoce) chama-o a si, estendendo-lhe um braço acompanhado pelo trajeto da luz que vem do exterior. Mateus aponta para si próprio, demonstrando incredulidade. Mas aos homens são permitidas todas as dúvidas e engodos. Os escritos são atribuídos a Mateus, evangelista de pleno direito, mas nem sabemos se o autor existiu de facto. É possível que tenha sido um anónimo a escrever o relato da amargura contida de José. O tratamento dado ao homem que acaba por perfilhar o Messias (o Cristo) entra pelo território do desprezo dentro. Nesse aspeto, há algo de feminino em José, o marido que se conforma com vários sobressaltos do destino, logo ele, que aparenta ser descendente da Casa de David, *ergo*, alguém com uma importância acima da média na pobre e poeirenta Galileia.

Escolhe (modo de dizer) viver em Nazaré, lugar obscuro, com a mulher que lhe saiu em sorte. Ficou-se pela terra acerca da qual já temos pistas — poeira, tijolos de lama, alguns animais domesticados, uma dieta contida e condizente com a modéstia dos crentes. Damos conta aqui de José, fazendo um pretenso interlúdio no contar de Maria, para demonstrar que nem a sua qualidade de mulher-objeto privilegiada a impede de ser sacrificada nos relatos mais determinantes da história dos crentes. Se Lucas lhe deu importância, Mateus prefere pôr

o narrar nos ombros do homem. José não tem propriamente agência neste relato, mas, para um dos evangelistas cruciais, é o protagonista de uma concepção divina que nem sequer lhe passa pelo corpo. Encontramos este marido por cumprir deitado na esteira, a noite feita imensa angústia, sem que o sono o tome nos braços. Miriam, agora dita Maria sem direito a recurso, dorme ao seu lado, a respiração faz-se-lhe pesada há dias, não sabemos aquilo com que sonha, sobretudo desde que declarou:

«Não me tocaste, mas carrego vida no ventre.»

Confirma-se que José já conhece a desfeita. José poderia ter mandado lapidar a mulher-por-encetar, reservando-se o direito de lançar a primeira pedra; José poderia ter deixado Maria cair em desgraça. Mas não o fez, e urde um plano que preserve a ambos. Diz-se nos escritos da salvação que José é um homem justo — como se Deus pudesse escolher ao acaso... — e que saberá acomodar o fado que lhe foi tecido muito antes de enviuar (Onde? Quando?), e que saberá vestir a pele de pai por procuração. Naquela noite, o sono tarda, mas acaba por chegar, segundos depois de tomar a decisão que melhor defende a sua honra e a de Maria (é justo, é humilde), em quem até acredita. José quer divorciar-se de forma discreta, sem alaridos, a justificação há de dá-la a Ana e a Joaquim, sabendo que os canalhas da próspera cidade dos sogros não deixarão de ficar ufanos de contentamento, «quem é que eles pensam que são?», «quanta soberba, entregar a filha por criar nas mãos de um desgraçado que se enfatua com a linhagem de David, mas que não passa de um construtor». José é um *tekton*, como se diz na cidade grega, tanto pode ser pedreiro como carpinteiro, construtor ou biscateiro dos labores da construção, reparando fendas, ajustando portas, entrelaçando palhas dos telhados, pois se na sua casa nem sequer há mesa que se veja, cadeira que se use,

cama onde o pecado possa assentar arraiais e deixar semente por compreender no interior da mulher que desposou, mas de quem não tomou o corpo, «apartamos caminhos e poderemos começar de novo». Eis que Morfeu toma José no seu regaço, felizes os contemplados com o favor de todos os deuses, pagãos incluídos, e é já em período de repouso que um anjo (com artigo indefinido) se acerca das suas decisões; palavra de Mateus:

«José, filho de David, não temas tomar Maria como tua mulher. O que nela foi concebido vem de um espírito santo.»

Louvados sejam aqueles que contam com os conselhos de quem viaja entre o Céu e a Terra para fazer com que as futuras escrituras se cumpram, e assim se confirma que o Tempo é barro nas mãos do Criador, que nos moldou à sua imagem — se nos cingirmos à aparência. Quanto ao resto, não sabemos como invocar seres alados portadores de boas novas, restando-nos o opróbrio da obediência e a incapacidade de fazer as perguntas que importam, embora Maria tenha tentado fazê-las — porém, houve que sujeitar-se à sombra que a tomou e violentou. A casa encontra-se posta em silêncio, a poeira assente no chão, e só se nota o breu que transpira das cercanias áridas de Nazaré, não há luzes nem espaventos, clarões nem trombetas, só a voz dentro da cabeça e do sonho do descendente de Isaac, de Jacob, de Judá, de Salomão, de Ezequias, de Manassé, e de tantos outros, somando-se gerações e toda uma fartura de homens de gabarito, que das mulheres pouco ou nada sabemos, nem sequer nos importam — o Senhor é connosco... Ouçamos a voz que afirma:

«Ela dará à luz um filho, e pôr-lhe-ás o nome de Jesus: pois será ele que salvará o povo dos seus erros.»

Quanta responsabilidade, prover à criação de quem vem redimir-nos para sempre; como pode José assumir as

responsabilidades e a temperança que a pena de Mateus, ou alguém por ele, lhe coloca sobre os ombros? Como conformar-se com a decisão que não lhe pertence, com a espera que acaba de lhe ser imposta, com um cenário que só a fé permite colocar fora do contexto de adultério e infâmia? Falam-lhe do que foi anunciado por profetas — «eis que a virgem terá no ventre um filho» —, e José sabe que só poderá rugir de impotência e incredulidade, aceitando o seu papel de figurante. De regresso ao mensageiro:

«[Acho que] fez aquilo que lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu a sua mulher. E não a conheceu até que ela tivesse dado à luz o filho, a quem chamaram Jesus.»

Os escritos afiançam que José era homem reto, de confiança, embora não se deem ao trabalho de achar-lhe nascimento ou dar-lhe causa, tempo e lugar de morte. Cumprirá o seu papel sem comprometer o Plano. Não se deixa tomar pela labareda do ciúme ou do despeito. Joga o jogo viciado que lhe entregam e espera pela sua vez. Vemo-lo aqui tomar o protagonismo que deveria ser reconhecido à mulher que concebe, mas esta é uma infâmia que se repete ao longo de séculos. Não questiona Maria sobre os olhos do portador da boa nova. Levará a família a Belém, ao Egito, e esfumar-se-á. É um construtor com a alma em ruínas.

# Fogo

Maria é retratada das mais diversas formas, de acordo com as necessidades e as vontades. A partir dela e do seu sacrifício (é a portadora accidental de um salvador, é a mãe que vê partir o filho antes de si, a maior das tragédias) são criadas devoções e cultos que favorecem os seus gestores. Clérigos, teólogos, papas, os Padres da Igreja e seus seguidores, vendilhões do novo templo, profetas ao retardador. Numa das encarnações do chamado «fervor mariano» tecem-se loas ao Sagrado Coração de Maria, na esteira do que já se fazia com o Sagrado Coração de Jesus, que beneficia de prioridade. Esta adoração do órgão que bombeia fé por todo o corpo terá a sua origem nos trabalhos e astúcias de Anselmo de Cantuária, pensador cristão nascido em Arles, na atual França, e emigrado para a Inglaterra, lugar onde viria a tornar-se arcebispo, e de Bernardo de Claraval, abade nascido em Dijon com destino glorioso traçado: viria a pôr Maria nos píncaros da devoção, antes de se tornar santo. Da sua pena saíram encômios sem fim à mãe do Cristo; dela brotou o nome *Stella Maris*, estrela-do-mar da Cristandade, mas também *Mediatrix*, atribuindo-lhe assim o papel determinante na relação entre a glória dos céus e a vida terrena. Também foi curador de cismas e inimigo figadal das heresias no seu século, ajudando a atear labaredas purificadoras, que se estenderam durante séculos pela Europa.

Eis o fogo, enfim. Também ele presente na iconografia do citado Sagrado Coração de Maria, tantas vezes apunhalado (sinal de agonia maternal — «e uma espada trespassará a tua

própria alma!», garante-lhe Lucas), tantas vezes rodeado das mais puras das flores (ela é a imaculada, a escolhida), tantas vezes representado envolto em chamas ilustrativas do amor que não se extingue pelo filho de Deus. E dela própria, apesar de tudo. Calor, paixão, sustento, mas também danação, instrumento de luz e de destruição, capricho dos deuses.

Nos relatos de Hesíodo, grafados cerca de oito séculos antes de Maria se submeter a Gabriel e aos seus desígnios, tudo começou com Prometeu, *aquele que sabe antes*, ou o *Providente*. O poeta atribui-lhe grandes feitos e travessuras, fixando para a posteridade um dos mais famosos tormentos, mas também alterações críticas na nossa história coletiva. Hesíodo usa o estilete sobre argila, que haveria de ser cozida (Aleluia!), para nos apresentar uma sala de refeições. Entre os convivas estão Zeus, senhor supremo, e o próprio Prometeu, tempos depois da derrota da sua espécie. Os Titãs, antepassados dos deuses clássicos, haviam sucumbido ao poder dos seus descendentes, os senhores do Olimpo, numa guerra sangrenta. Prometeu poderá ter nascido então com despeito nas entranhas. Ou apenas malícia e um amor irresistível pela trapaça. Características tão, mas tão humanas, que Hesíodo acabará a atribuir a esta personagem a criação da raça humana em *Os trabalhos e os dias*. Mas voltemos ao engodo e às suas consequências. Numa mesa posta diante de Zeus jaz um boi sacrificado, dividido em duas partes por Prometeu. Uma, a succulenta, composta de carne e vísceras, está coberta com o couro do animal. A outra, composta sobretudo de ossos, reluz graças à gordura, à banha, e ao acinte de ilusionista de Prometeu. Atraído pelo brilho, Zeus escolhe a segunda, percebe a fraude e toma-se de fúria e rancor. Uma e outra vez, as características humanas, a tragédia dos deuses é a tragédia dos homens, normalmente cabendo às mulheres os

piores papéis. Do alto do seu azedume, o senhor supremo retira de mãos humanas, tão queridas de Prometeu, a bênção do fogo, condenando-as às trevas. No entanto, o titã acabará por dobrar a afronta, roubando do Olimpo uma parcela da chama infatigável com que conta abençoar de novo a sua criação feita de barro e sopros. Ao homem entregará também os números, as artes, a memória, as letras. Só não sabemos se o *Providente* terá antecipado a ira redobrada de Zeus, que se materializou em dois castigos, um mais discreto que o outro. Sabemos que Prometeu será agrilhado no monte Cáucaso por um período de trinta mil anos (terá mais tarde direito a redução de pena), durante os quais diariamente uma águia lhe destroçará o fígado. Se o coração de Maria arde, a glândula de Prometeu sangra, despedaça-se e, pior, regenera-se dia após dia, convidando ao regresso da rapina. Mas a vingança pelo roubo da mais cobiçada centelha de luz traz outra maldição nas pregas da toga celestial do senhor do Olimpo. Zeus ordena a Hefesto que crie a partir da argila e do fogo uma figura imaculada, irresistível, e convoca as deusas para que a cubram de graças. Especialmente Atena, que é como quem diz, Maria — uma e outra são inseparáveis, como iremos ver. Hefesto deve modular o carácter deste novo ser, temperando beleza e volubidade, candura e vertigem, inocência e desobediência. Depois dos vários contributos olímpicos, eis Pandora, a primeira mulher a ser criada. Um belo mal, enviado ao mundo dos homens na posse de uma vasilha que nunca deverá ser destapada. Pandora é entregue ao irmão de Prometeu e cocriador do nosso mundo, Epimeteu (o *Incauto*, o *que sabe depois*), que não consegue barrar a curiosidade da primeira das mulheres. Ao descerrar a vasilha, Pandora liberta sobre nós todos os males — a guerra, a discórdia, o ódio, a inveja, todas as doenças do corpo e da alma. Volta a cerrar apressadamente



a sua famosa caixa, e lá dentro permanece apenas a esperança, véu de ilusão que nos ajudará a suportar a certeza do Hades no fim das nossas vidas, lugar onde o fogo também é rei.

Pandora é punição, é desventura, é Eva, é a primeira das mulheres — seres que induzem à tentação, que empestam o mundo. Neste mundo helénico, é ela quem abre as portas à desventura das fêmeas, mesmo à das imaginadas. Na escrita da época, quando são donas de poder, acabam representadas como usurpadoras, como detentoras ilegítimas da autoridade. Elas são razão de desvario, de catástrofe, de rutura na ordem instituída. Clitemnestra apodera-se do trono do marido, Agamémnon, aproveitando a ausência deste na Guerra de Troia. Quando o rei de Micenas regressa, Clitemnestra mata-o a sangue-frio, vingando o sacrifício da filha Ifigénia em favor da sorte dos gregos. Torna-se símbolo do rancor e da rejeição, que há de exercer sobre os filhos restantes. Medeia, princesa estrangeira na sofisticada Corinto, carrega a nódoa de ter assassinado os próprios descendentes, em nome do seu orgulho ferido. É uma harpia, uma inadaptada, uma mancha (mais uma) no currículo do género maculado desde, pelo menos, o Jardim do Éden. Elas são indignas do Paraíso, da virtude, do direito à inocência. Salvo as escolhidas, como Maria. Como Atena. Na sua pureza, apenas o coração arde, sem se consumir.

Fogo é redenção, danação, instrumento de pureza e castigo. Testemunha de grandes prodígios. Em junho de 2021, na localidade colombiana de Cúcuta, um atentado terrorista com um carro-bomba junto a um quartel do exército provocou mais de três dezenas de feridos. No entanto, e apesar da proximidade e da força do impacto, uma imagem da Virgem da Proteção, esculpida pelas mãos dos próprios soldados da 30.<sup>a</sup> Brigada, ficou intacta. Circularam imagens do quartel em chamadas,

dos vidros estilhaçados do altar. Da encarnação (mais uma) da mãe de Jesus sem mácula. Fonte oficial falou em «milagre, vida e fé». Maria não disse nada. Não diz nada desde que arriscou aquele: «Como se fará isso, uma vez que não conheço homem?» Nada de dúvidas; o homem explica. Explica sempre.

# DESPIR AS MULHERES PARA AS EXPOR EM PÚBLICO É UM COSTUME ANTIGO — E NÃO ESTAMOS APENAS A FALAR DE ROUPA.

Há séculos que a existência das mulheres é terreno aberto para todo o género de delírios e desaforos dos homens. As suas vidas — terrenas ou espirituais — foram e são instrumentalizadas ao sabor das novas ordens e dos sistemas de poder que frequentemente contrariam a nossa natureza, com particular prejuízo para a metade feminina da humanidade.



Através de uma narrativa híbrida, entre reconstituição histórica ficcionada e investigação, Pedro Vieira escreve sobre sete mulheres que são todas as mulheres, sujeitas ao poder deles, cujas existências foram contadas e adulteradas para servir uma narrativa ardilosa que bloqueia com eficácia qualquer tentativa de emancipação coletiva.

*Vénus em chamas* recupera as histórias reais de Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, imperatriz Teodora, Fillide Melandroni, Joana d'Arc, Harriet Tubman e irmã Lúcia, para refletir sobre a forma como a História e a Arte as apresentaram, representaram e imolaram, tantas vezes despiendo-as de qualquer agência ou autoridade sobre si mesmas.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-145-0



9 789895 891450